

BRASIL-PORTUGAL

1 DE JULHO DE 1904

N.º 131

Exposição Universal de S. Luiz

O pavilhão do Brasil



Coronel F. M. de Sousa Aguiar

Presidente da comissão do Brasil na Exposição de S. Luiz



John Taylor Lewis

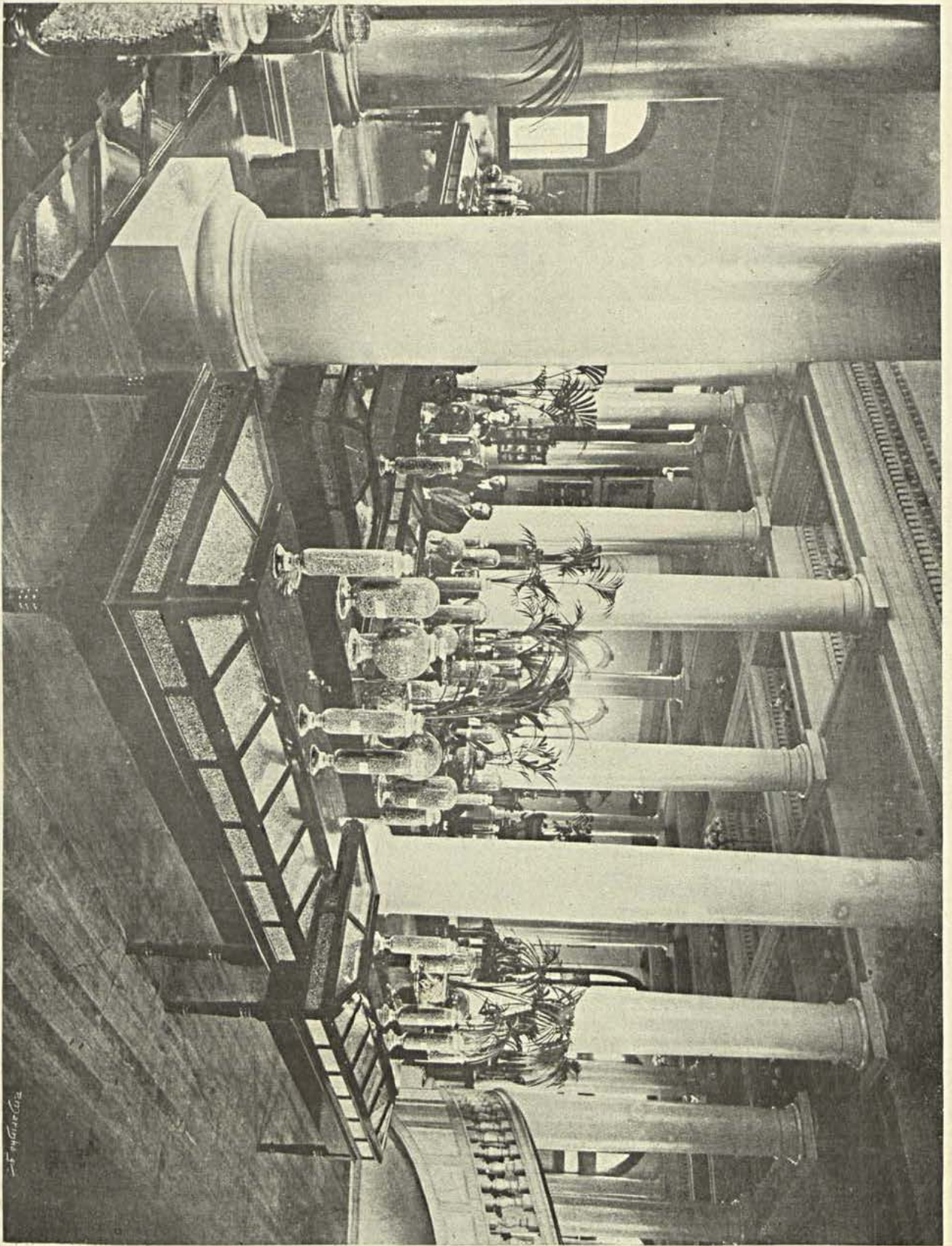
Commissario da Exposição de S. Luiz junto do governo do Brasil

O Brasil mediu bem o alcance da Exposição Universal de S. Luiz, e claramente entendeu que devia concorrer a ella com abundancia e esplendor. Foi o que fez. Nas doze grandes secções da Exposição — Educação, Bellas Artes, Artes Liberaes, Varias Industrias, Electricidade, Transportes, Agricultura, Florestas, Minas, Peixe e Caça, Anthropologia, Economia Social — o solo, o espirito, e o trabalho do Brasil affirmam a exuberancia dos seus recursos, o maravilhoso da sua fecundidade, e o deslumbramento das suas opulencias. E como isto não bastasse ao justo orgulho do seu proposito, quiz mostrar ás outras nações, aqui reunidas, o encanto do seu convivio, e construiu um palacio onde o estrangeiro é acolhido como se o acolhesse a propria terra brasileira, generosa, farta, e amavel.

Um notavel architecto americano, tendo percorrido toda a Exposição e prestado uma attenção demorada aos edificios que a enchem, disse que o Palacio do Brasil era «a perola no diamante das construções estrangeiras.» Foi um brasileiro, o coro-

nel Francisco M. de Sousa Aguiar, quem o projectou e construiu. O coronel Aguiar é engenheiro do exercito brasileiro; foi quem projectou e construiu tambem o edificio do Brasil na Exposição de Chicago em 1893. O seu governo dissera lhe que queria um palacio bello entre os mais bellos, e sobretudo bello entre os dos paizes sul-americanos. O architecto foi então influido por diversos elementos submettidos ao seu estudo: a evolução das proprias idéas, a apreciação das linhas geraes da Exposição, o estudo topographico do terreno e do grupo de edificios mais proximos — que eram o da Belgica, o da Italia, o da China, o de Nicaragua, o da França.

No conjuncto, o pavilhão do Brasil lembra a renascença franceza. Quem vem de Skinner Road para Clinton, vê o surgir, subitamente, alvo e luminoso, rodeado de graciosas columnas corinthias, sustentando sem esforço a gigantesca abobada. Não ha uma linha aspera, nem uma curva rebelde, nem um pormenor destoante. As columnas, sem canneluras, solidas e energicas; as abobadas lateraes e o zimbório rematado a 135



A exposição de S Luiz, em 1904 — Pavilhão do Brasil — A grande exposição de cafés no 1.º pavimento

Fig. 100



Exposição de S. Luiz — Pavilhão do Brasil — Um recanto do salão das recepções

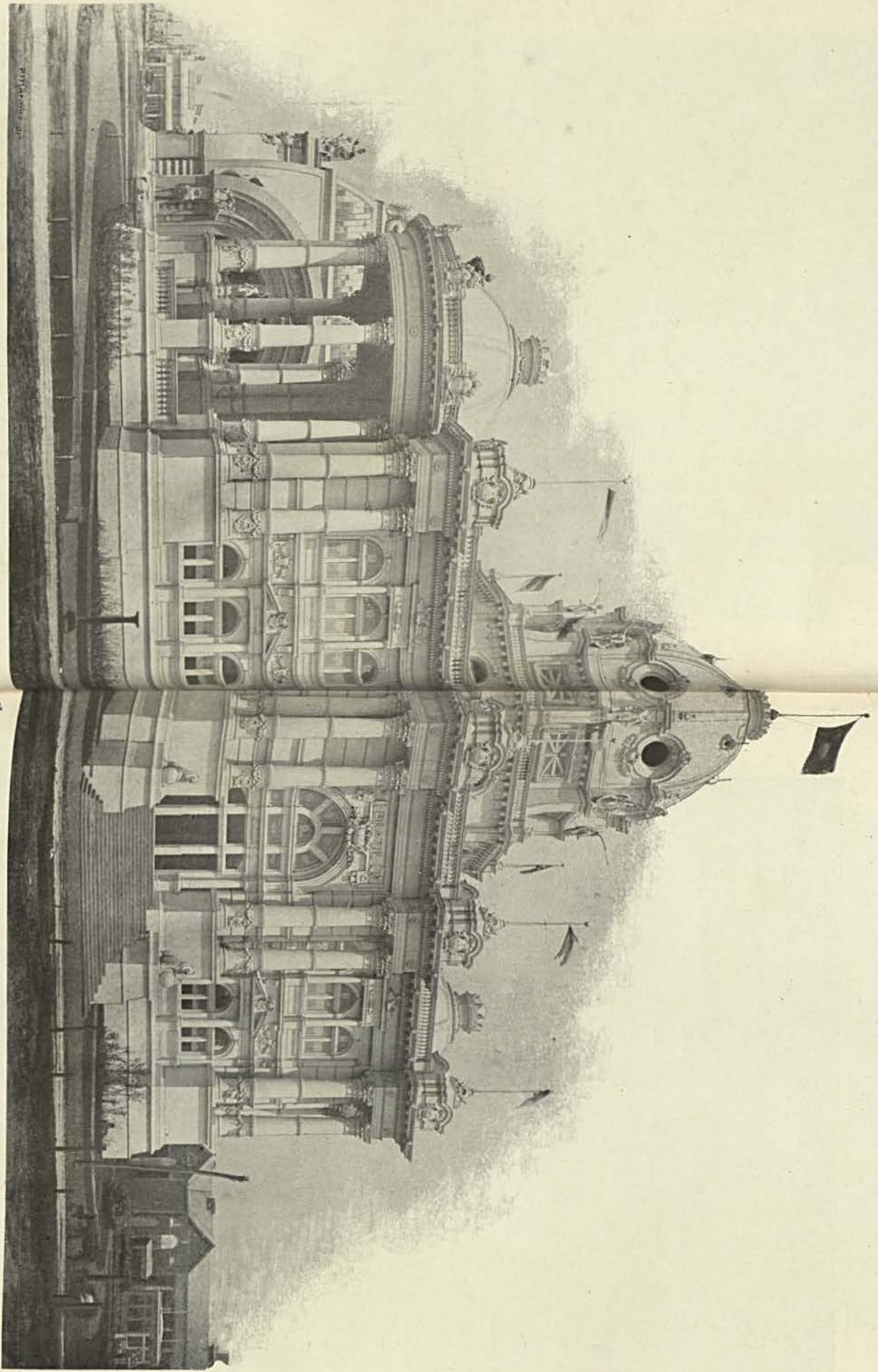
pés acima do terreno; a sobriedade dos ornatos procurando offerer todo o possível realce ás armas do Brasil — tudo se harmonisa no arrojio e na symetria. Uma das *loggias*, a de este, faz frente ao terreno principal, rodeada de columnas e balaustrada. Para o norte e sul abrem se amplas janellas circulares, separadas por grinaldas que entrelaçam escudos com as armas brasileiras.

O pavilhão tem dois andares, dupla entrada pelo norte e sul, e as *loggias* lateraes. A escada e a porta principal, encimada por um formosissimo vitral, dá para Clinton Road; é de granitoide, e mede 20' de largura. De cada lado, um enorme leão de staff, meio erguido, ostenta a juba altaneira. Vista de relance, logo a entrada principal nos dá uma impressão imponente. Mas a parte mais notavel de toda a construcção é a

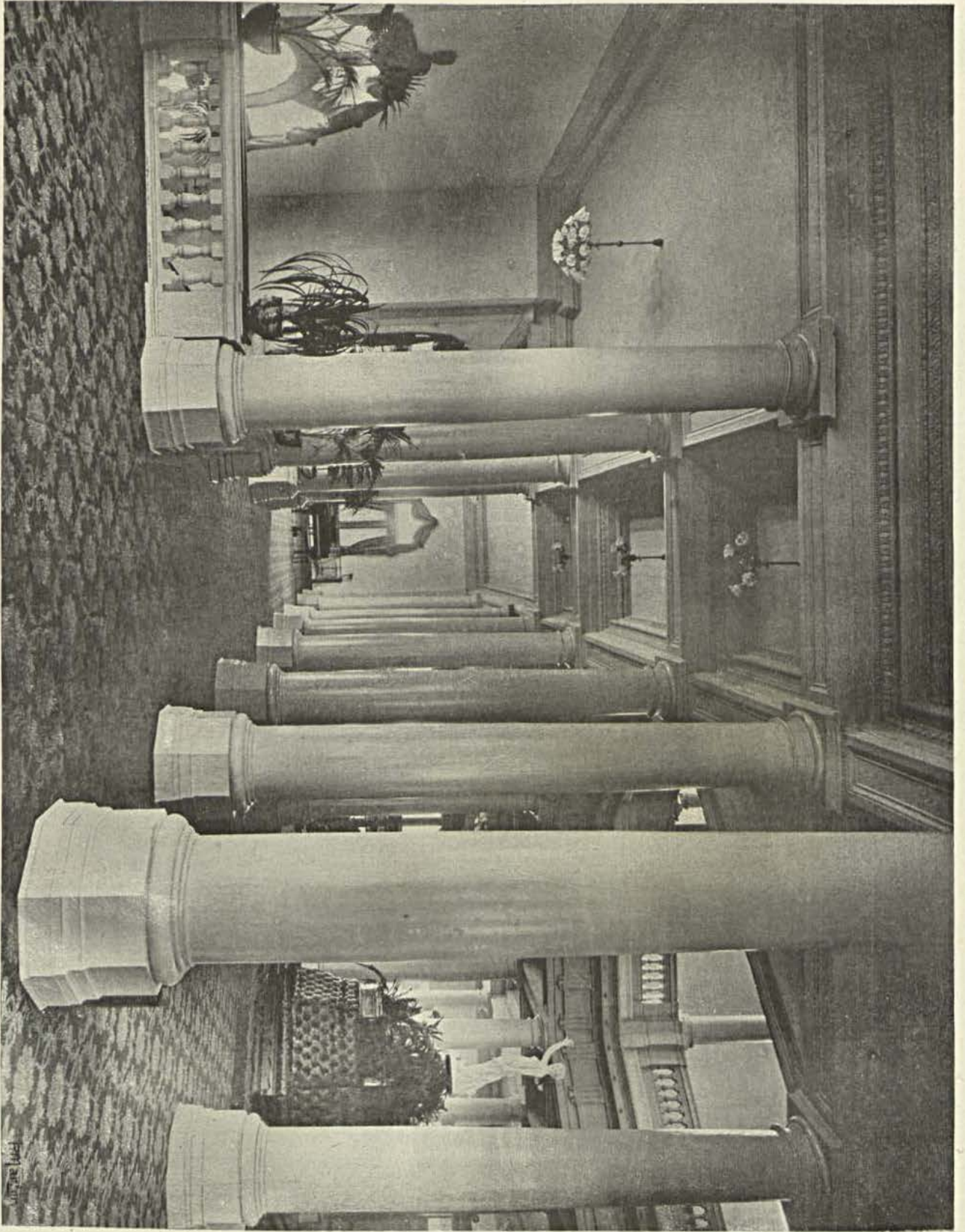


Exposição de S. Luiz — Pavilhão do Brasil — A grande escada que conduz ao salão das recepções

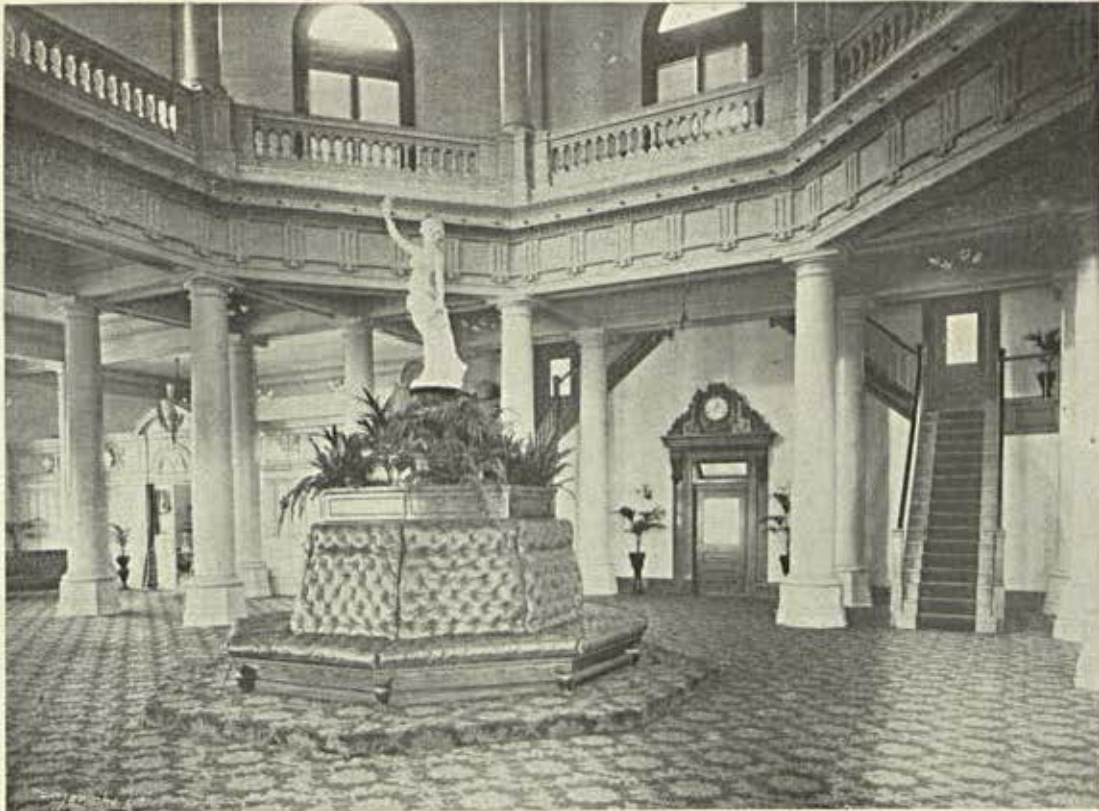
Exposição Universal de S. Luiz



O Pavilhão do Brasil



A exposição de S. Luiz — Pavilhão do Brasil - O salão das recepções



Exposição de S. Luiz — Pavilhão do Brasil — O salão das recepções e uma parte da galeria

immensa abobada central. É de aço, mede 57' de diametro, e tem a fórma octogonal. Da base ao vertice vão 135'. Em face tem uma vigia circular com vidros coloridos. Parece mais alta do que realmente é, e com tanta intelligencia e com tanta arte foram lançadas as suas linhas, que o resultado se tornou como todo da construção, de uma harmonia deliciosa. Recorda o Capitólio Nacional em Washington.

O edificio tem 260' de comprimento por 140' de largura. No primeiro andar é a immensa sala onde estão expostos os cafés do Brasil. Por qualquer lado que n'ella se entre nota-se logo que as columnas dóricas succedem agora ás corinthias. Um ligeiro sombreado, côres amortecidas, em vez do branco brilhante exterior, cobrem essas 30 columnas, como as outras perfeitamente lisas; os proprios emblemas desappareceram, e na parte superior apenas as cornijas ligando-as ao tecto.

Nas extremidades este e oeste d'esta grande e formosa sala largas portas dão entrada para as *loggias*. O serviço do café para o publico é feito na primeira; a outra é reservada ao descanso dos visitantes, tendo motivado esta preferencia a posição relativa aos palacios da Exposição e á Grande Cascata, e ainda porque á tarde, á hora de maior affluencia, a sombra projecta-se d'esse lado.

A exposição do café, em grandes vasos e tubos de vidro offerece muita curiosidade. As differentes phases do seu preparo até ao grão encontrado commumente no commercio, podem ser ali observadas. Das paredes pendem numerosos quadros graphicos, mostrando as quantidades da produção, e comparando-a com a produção de outros paizes onde se cultiva o café. A supremacia do Brasil é flagrante. Empregados do governo brasileiro permanecem n'esta sala, com o fim de fornecerem aos visitantes todas as informações e explicações que peçam.

N'esta sala, ha uma dupla escada que dá accesso ao segundo andar. Todo este pavimento é exclusivamente destinado ás recepções. Oito linhas de columnas dóricas, quatro em cada uma, correspondendo ás do primeiro andar, destacam-se no meio de uma opulencia de vegetação, em que as palmeiras e avencas predominam. O tecto é igual ao do outro pavimento em ornamentação e effeito; mas, ao centro, projecta-se o vão da abobada, cuja decoração interna abrange as esculpturas da frisa e os vidros coloridos das janellas. Do salão das recepções communica-se com quatro pequenas salas «de conversa» recheadas de excellente mobiliario. Do tecto pendem abundantes lustres da luz incandescente.

A madeira empregada nas divisões internas e nas esquadrias foi o cypreste. As janellas do primeiro e segundo pavimentos são curvadas na parte superior, á semelhança das de algumas egrejas e edificios publicos do Brasil. Toda a pintura interna de janellas, portas e tectos, se harmonisa com a das columnas dóricas; tem o mesmo matiz. Nos muitos mastros distribuidos ao longo da cornija fluctuam as bandeiras dos Estados-Unidos do Brasil e dos Estados-Unidos da America.

Nas noites em que o edificio illumina, com as suas 1.500 lampadas incandescentes acompanhando as grandes linhas da abobada, das cornijas, das *loggias*, da entrada da escadaria principal, toda a belleza da construção se destaca n'um verdadeiro deslumbramento de luz.

Quando se tratou de organizar a Exposição Universal de S. Luiz, e a America enviou aos paizes estrangeiros os seus commissarios especiaes para promoverem a representação d'esses paizes no grandioso certamen, o commissario nomeado para o Brasil foi o sr. John Taylor Lewis, que tambem o foi para Portugal. O sr. Lewis já tinha sido consul dos Estados Unidos da America no Brasil (1893-1898). Tinha alli creado e estreitado laços de sympathia, aprendera a falar a lingua portugueza, e, sobretudo, pela actividade do seu espirito muito claro, e pela feição acentuadamente tenaz dos seus propositos, era quem melhor poderia desempenhar-se da missão junto de brasileiros e de portuguezes.

O sr. Lewis não foi, porém, feliz desde o principio das suas diligencias. O presidente Campos Salles, que era quem estava então á frente do governo do Brasil, recusou-se a acceitar o convite da America. O sr. Lewis não desistiu; insistiu. Ficou no Brasil, durante todo um anno, procurando remover as difficuldades em que o presidente fundamentara a sua recusa. Encontraram-se assim dois tremendos teimosos, em frente um do outro. E foi preciso que Campos Salles deixasse a presidencia da republica, para que o sr. Lewis, entrando em novas relações com o presidente Rodrigues Alves, conseguisse trazer o Brasil á Exposição de S. Luiz.

O congresso votou então a verba de 1.100 contos em oiro para esse fim, e a ordem que o coronel Aguiar recebeu do governo brasileiro, ao embarcar para os Estados Unidos, foi esta: — «Queremos uma representação que nos honre!»

O coronel Aguiar foi um cumpridor exacto d'esta ordem. S. Luiz, junho 1904.

ALFREDO MESQUITA.



A exposição de S. Luiz — Pavilhão do Brasil — A sala de visitas

Peço desculpa a V. Ex.^a!



Mendo Gutierrez da Barbuda chegou um dia a Lisboa, procedente de terras de Entre Douro e Minho e resolveu a conquistar a capital com a rica massinha de um tio celibatário e a nobreza authentica de uma serie respeitavel de avós entroncados na famosa estirpe de D. Mecia Gutierrez, a Barbuda, mulherinha de faca e calhau e ornamento precioso da corte do Senhor D. Manoel, primeiro do nome e felizado em negra. Andavam soffrivelmente biudas as cousas na India, lá para as bandas de Diu, quando com o episodio das barbas do visorrei, postas no prego por um dinheirão, coincidiu façanha de estrondo praticada na fronteira portugueza por D. Mecia que, vendo se insultada n'uma romaria por um troço de gallegos, rapou de um varapau e varreu a sucia. O caso deu brado, e resolveu o monarcha recompensar a bravura da amazona com uma mercê condigna de tão alto feito. Matutou el-rei, matutaram os cortezãos, e ao cabo de fundas cogitações, como se diz em estylo fino, deliberou o soberano aproveitar as graças naturaes da sucessora da Brites de Aljubarrota

para accrescentar-lhe um florão ao escudo. Nas faces bem nutridas de D. Mecia medrava o bolbo piloso como cerealifera nos campos do Mondego, e se nas feracissimas margens do postico rio o milho chega a dar quarenta sementes, nas rubicundas bochechas da castella cada pelo produzia cem. Bigode, pera e barba tão bem fornidos não havia em muitas leguas ao redor, de sorte que accrescentar aos appellidos da heroína o de Barbuda e ao respectivo brazão uma pera sumptuosa em campo de prata, não foi mercê que excedesse os meritos da agraciada. Em todo o caso, a ideia era original, mas não ha quem ignore que o Senhor D. Manoel foi um espirito essencialmente original descobrindo, entre outras cousas, a India sob o pseudonymo de Vasco da Gama.

Não fatigarei o leitor com a descripção minuciosa da genealogia dos Barbudas. Andaram por toda a parte, correram as sete partidas do Infante D. Pedro, fartaram-se de dar e levar pancadaria por esse mundo de Christo, mas, a partir do Senhor D. João IV, de gloriosissima memoria, accentuou-se na nobre estirpe de D. Mecia a phase da arnica predominando sobre a do marmeleiro. Levaram mais do que deram. E quando D. Mendo veio á luz, na casa solarenga os brios da familia andavam muito por baixo.

Entretanto, a penuria dos Barbudas não influiu na educação do pequeno. D. Mendo foi creado na santa obediencia a todas as cousas mortas e sepultadas; cresceu na crendice de que a simples invocação do seu nome fazia estrearer a terra, o mar e o mundo, e quando abalou para Lisboa com a bolsa quente e a alma a cantar a decidido a dar a nota da elegancia, da distincção, da fidalguia. Contraste interessante: esse Barbuda authentico era careca, usava chinó e não tinha um pelo na barba.

O contacto com as vilissimas realidades de uma sociedade mercantilizada e abastardada pelo advento de varios sophismas, trouxeram-lhe amargas decepções. Ia succumbindo, mas antes de inutilisar-se completamente para o meio, a providencia dos Barbudas, o seu Anjo da Guarda, intervindo a tempo, factou-lhe a adaptação. Quem não pode caçar com cão caça com gato. D. Mendo, não podendo ser o primeiro gentil-homem da Corte do D. Manoel procurou ser o frequentador mais chic das lamas do botom. E para iniciar dignamente a sua carreira, comprou um automovel com o qual atropelou muita gente na Avenida. Vestiu-se em Paris e Londres; frequentou uma rodinha *comme il faut*; emborrachou-se de vez em



quando; quebrou louça varia em ceatas ruidosas; dormiu como um bemaventurado em S. Carlos, e interrompeu algumas primeiras representações de originaes portuguezes.

Um bello dia, D. Mendo Gutierrez da Barbuda foi convidado para uma partida de caça nos campos da Gollegã. Faziam parte do grupo algumas espingardas famosas. Tudo gente chic. D. Mendo exultou e, como o convite fosse feito com certa antecedencia, D. Mendo preparou-se para *épater* o auditorio.

Cuidou principalmente o Barbuda a feição esthetica do personagem. Cada artigo do seu costume de caça e cada objecto do armamento foi pensado e repensado. Vieram figurinos de toda a parte e catalogos de todos os armeiros celebres. Afinal, depois de troca minuciosa e complicada de cartas, telegrammas, consultas e alvitres foi adoptado um costume de velludo marron com chapéu tyrolez de penninha atrevida na aba, polaina e horzeguim de camurça, cinto do mesmo cabedal, bolsa sumptuosa e uma espingarda *dernier cri* com fechos de prata e as armas dos Barbudas, em placa do mesmo metal artisticamente encrustada na coronha.

Chegou D. Mendo á Gollegã com a respectiva mala, outra preciosidade de afamada manufactura britannica, e, como aconteceu ao Grande Elias, foi recebido optimamente. Achar-se ali reunida a fina flôr da cynetica portugueza; mas D. Mendo, á sobremesa, desbancou todos os seus confrades. No concurso de patranhas que é do estylo estabelecer-se entre caçadores depois de cada refeição lauta, D. Mendo teve a palma a ponto de provocar a seguinte pilheria do padre Rocha, vigario de uma freguezia proxima e celebre pelas suas *carambolas* de perdiz e coelho:

— Do que o meu amigo não é capaz é de tirar a pelle a uma lebre sem a esfolar!

— Essa agora, reverendo! atalhou o Barbuda...

— Pois é muito simples. Carrega-se a espingarda com um prego bem aguçado na ponta: põe-se um homem á espera perto de uma arvore deante da qual a lebre tenha o sestro de passar. Deixa-se passar a lebre, e quando só falta o rabo, zás... pum! O prego gruda o rabo á arvore... e a lebre, com a velocidade com que vae, sae para fóra da pelle.

D. Mendo, n'essa noite, foi-se deitar de mau humor.

Quiz o destino que no dia immediato e no seguinte chovesse torrencialmente. D. Mendo andava furioso e os outros tambem. No terceiro, ainda os caçadores não saíram, para deixar enxugar o terreno; mas, D. Mendo, que andava sequinho por desforrar se do remoque do padre, chamou confidencialmente um dos matteiros, untou-lhe as mãos com duas placas de cinco tostões e informou-se dos sitios e da caça.

— Hoje... a estas horas... só se, fór ás betardas...

— Vá pelas betardas! bradou o Barbuda.

— Pois então, o melhor é vossoria ir com o meu rapaz, que conhece por hi isso a palmas.

Partiram. Sol de rachar. Na campina raza algumas arvores de copa baixa e redondinha, de boa sombra contra os ardores da canicula.

Andaram... Andaram... Nada... D. Mendo ia derreado... O velludo marron punha-o em brasa... e do chapelinho tyrolez caíam, em catadupa, as camarinhãs de suor. O rapaz, distraido, parou a colher figos de uma figueira uberrima. D. Mendo adiantou-se-lhe um bom quarto de hora.

De repente, ouviu gritos. Voltou-se.

— Era o rapaz, n'um bradar angustiado, apontando-lhe para a frente:

— Eh, senhor! Eh, senhor!

D. Mendo olhou. Deante d'elle apenas uma arvore perdida na campina. Embezerrou: encolheu os hombros e reamungou:

— Vae para o diabo que te carregue!

— Eh, senhor! Eh, senhor! bradou o rapaz, mais perto, a deitar os bofes pela boca fóra.

Tornou a olhar, colerico. Faltou-lhe o chão. Turvou-se-lhe a vista. Compreendeu. Da copa da arvore redondinha e mansa surgia, com todo o mau humor de um estremunhado, um *matulão* de cinco annos, negro como azeviche, cornos agudos e fechados escarvando com furia o solo humido da leitaria.



E quando o rapaz se abeirou, D. Mendo Gutierrez da Barbuda, todo de ponto em branco no seu velludinho marron, com as pratas da espingarda a rebrilhar ao sol, murmurava, n'uma grande humildade, para o boi:



— Po... peço desculpa a V. Ex.ª!

CUNHA E COSTA



Politica internacional

O perigo amarello

R eferimo nos na nossa anterior revista á questão da neutralidade da China, tão debatida ultimamente em toda a imprensa europeia. Referir nos-hemos hoje a outra questão não menos discutida, intimamente relacionada com a precedente e cujo alcance é ainda maior do que o d'aquella. Queremos falar do chamado «perigo amarello», que tão acaloradas disputas está provocando na Europa e na America, e que ora se apresenta como o espectro pavoroso diante do qual estremece receosa a nossa civilização occidental, ora apparece como ridiculo espantinho, de que se sorriem os proprios que para seu uso o inventaram.

Mas antes de tudo convem accentuar que o actual «perigo amarello» tem tido mais de um precedente na novissima historia da nossa Europa. Assim, vimos successivamente motivar a preocupação das chancellarias o «perigo slavo», o «perigo germanico» e sobretudo o «perigo americano». Este ultimo foi ao que parece descoberto pelo conde Goluchowski, ha alguns annos, e desde então não tem deixado de inquietar os diplomatas do velho mundo, que gisam sem cessar combinações e planos para libertar os mercados europeus do perigo que do outro lado do Atlantico os ameaça. O «perigo amarello» é pois o ultimo de uma serie. Não representa concepção original, antes reproduz, em escala mais amplificada não ha duvida, modelo já conhecido.

Mas existe realmente um «perigo amarello» de que a Europa se deva arrecear? Para responder a esta interrogação preciso se torna fixar o sentido, que deva attribuir-se á expressão «perigo amarello». Se por estas duas palavras se quer significar que a expansão de raça japoneza, tal como ultimamente se tem evidenciado, ha-de produzir como consequencia um augmento de influencia politica e commercial do Japão no Extremo Oriente e por conseguinte uma correspondente diminuição da influencia europeia n'aquellas paragens, ou antes o fim da hegemonia que as nações do Occidente se tinham ali arrogado, não ha duvida de que o «perigo amarello» existe. Mas existe para os interesses exclusivos que elle vem ameaçar, e não por forma alguma para os interesses geraes da civilização. Reduzido a estas proporções modestas, o «perigo amarello» está exactamente nas mesmas condições em que para uma parte da Europa está o «perigo germanico» e o «perigo americano». Na propria Asia Oriental, onde tanto se teme agora que a invasão japoneza destrúa os germens da civilização europeia que ali existem, estes dois perigos passaram ha certo tempo a ser uma realidade. Até ao meiado e mesmo até aos tres quartos do seculo XIX dominaram commercial e politicamente na China duas unicas nações europeias — a França e a Inglaterra. A expedição anglo-franceza a Pekin marca o apogeo d'esta influencia, que chegou a converter-se depois da guerra n'um quasi protectorado. N'esta epoca o commercio do grande imperio do Meio estava monopolizado nas mãos dos negociantes inglezes e francezes. A diplomacia do *Foreign Office* e do *Quai d'Orsay* era a unica dominadora no *Tsingli-Yamen*. De Londres e de Paris partia a palavra d'ordem, que os mandarins escutavam submissos como se fossem ordens do proprio filho do Ceo.

Passam-se, porém, alguns annos e toda esta situação se modifica.

Do norte vêm os russos, que politicamente pouco a pouco vão supplantando em Pekin a influencia das duas grandes nações occidentaes. Do lado do mar apparecem os allemães, e os yankees, o «perigo germanico» e o «perigo americano», que commercialmente em menos de trinta annos desaposam a França e a Inglaterra do primado, que n'aquellas regiões exerciam. Naturalmente as duas partes lesadas fizeram ouvir as suas queixas. Dizendo consubstanciar os interesses superiores da civilização e as melhores esperanças de progredimento dos povos, denunciaram o perigo que ameaçava o patrimonio commum de todas as nações cultas e que forçoso seria combater, para não se retrogradar no caminho andado.

Escusado será dizer que os dois perigos apontados, em vez de pôrem em risco a causa da civilização, contribuíram pelo contrario para mais a favorecer. E hoje ninguem, mesmo os que mais directamente soffreram com a transformação operada nas condições politico-commerciaes do Extremo Oriente, ousa evocar os espantinhos que ha alguns annos apenas pareciam dever infundir na Europa justificados receios. Toda a tenebrosa historia dos taes perigos ameaçadores se resumio no fim de contas em terem as duas antigas nações exploradoras da Asia — a Inglaterra e a França — que repartir o monopolo, que outra só disfructavam, com os tres novos recémvindos — russos, allemães e yankees — que reclamavam tambem o seu quinhão.

Hoje apresenta-se o Japão por sua vez. Pede para tomar tambem o seu lugar á mesa do festin, invocando o exemplo dos que o precederam. E como outr'ora foram recebidas pelos francezes e inglezes as pretensões dos russos, dos allemães e dos americanos, assim agora são recebidas por estes ultimos, especialmente pelos russos e pelos allemães, as pretensões do Imperio do sol nascente. Levanta-se o grito contra o «perigo amarello» como outr'ora se levantou contra o «perigo allemão» e o «perigo americano». Não são os interesses geraes da civilização, que protestam. São simplesmente os interesses particulares dos lesados, que reclamam.

Assim pois, se por «perigo amarello» se quer significar a concorrência commercial e industrial (n'alguns ramos) que, no Extremo Oriente sobretudo, o Japão victorioso vae fazer ás nações da velha Europa e até mesmo á America, não temos duvida em confessar que n'este sentido o «perigo amarello» existe e é uma realidade com que desde já o Occidente tem que contar. Mas é um facto inevitavel e fatal, que não pôde ser combatido em nome dos altos interesses da civilização, quaesquer que sejam as perturbações que elle possa occasionar. Pôde um ou outro paiz europeu ser affectado na sua economia interior pelo apparecimento do novo e inesperado rival; mas a riqueza e a cultura geral só tem a ganhar em que mais um valioso collaborador venha dar o seu poderoso contingente ao labutar do trabalho universal. E depois, o que tem sido e o que é a historia da expansão commercial do mundo? Um succeder de hegemonias, que umas ás outras se vão substituindo. Sem remontar á antiguidade e limitando-nos aos periodos da historia propriamente moderna, não aprendemos n'ella que os portuguezes foram supplantados no commercio do Oriente pelos hollandezes, e que estes por seu turno foram supplantados pelos inglezes? E nos nossos dias mesmo não estamos assistindo ao lento mas incessante recuo do commercio inglez em frente da expansão cada vez mais accentuada do commercio allemão e do commercio norte-americano? Segundo todas as probabilidades o Japão vae desempenhar commercialmente na Asia Oriental e Pacifico do sul um papel preponderante. Parece sobre este ponto não dever haver duvidas. Mas nem por isso deixam de ser pueris e ridiculos todos os protestos das nações europeas a tal respeito. Façam o que fizerem, não conseguirão deter o «inevitavel». E n'este caso o inevitavel é que um novo factor de trabalho reclama o seu lugar no concerto dos povos civilizados. Em vez de nos enristicermos ou de nos sobresaltarmos, deveriamos pelo contrario procurar tirar todo o partido possivel da nova camaradagem, que se nos impõe.

Se é este o «perigo amarello» de que nos falam, de novo insistimos em que se deve aceitar a sua existencia, embora attribuindo-lhe a importancia acima indicada. Mas, se por «perigo amarello» se quer entender esse sonho phantastico e doentio, que Guilherme II tornou celebre no afamado quadro, cuja epigraphe — *Povos da Europa, defendei os vossos mais sagrados thesouros!* — devia servir de bandeira a uma nova cruzada contra o Oriente, reputamos semelhante concepção ridicula e absurda, sem o mais pequeno fundamento real em que se baseie, e reveladora apenas da profunda ignorancia em historia e ethnographia dos que a pozeram em circulação.

O tempo das invasões á Tamerlan ou á Gengis-Khan passou para não mais voltar. Hoje não se podem sequer comprehender essas deslocções de povos, que na alta Edade-Média apenas foram possíveis pela fraqueza e pelo fraccionamento da Europa, longe da sua constituição definitiva. E ainda assim a ultima d'essas invasões — a dos turcos osmanlis — mal conseguiu dominar um dos extremos do nosso continente, sem ter já forças para penetrar no coração d'elle. Como se pôde imaginar que actualmente uma qualquer nação do Oriente ou todas juntas tentem impôr-se á Europa para a dominar? Similhante concepção é filha de um anachronismo historico, que chega a fazer sorrir pela ingenuidade. Mas funda-se tambem n'um erro ethnographico, que convem corrigir, por isso que se encontra bastante espalhado até entre gente de notavel cultura. Este erro é o de suppor que os japonezes e chinezes pertencem á mesma raça, constituindo os dois povos de per si e juntos com outros ramos asiaticos, como os coreanos, os anamitas, os birmanes e os tibetanos, um grupo

ethnico homogeneo, que os japonezes amoldariam á sua propria civilisação, que moveriam a seu bel-prazer qual cabeça dirigente, para os lançar como enorme e irresistivel avalanche contra as nações europeias. Ora nada mais falso e anti-scientifico do que similhante asserto. Para sómente falar dos dois mais importantes povos asiaticos — os japonezes e os chinezes — que enormes differenças os separam! Póde dizer-se que em vez de similhantes, tudo n'elles é diverso, antagonico, a começar pelo typo physico e a acabar pelas aptidões intellectuaes e moraes. Nem raça nem lingua os approximam. E póde affirmar-se, sem risco de cahir em erro, que os japonezes estão mais longe dos chinezes, no que respeita a caracteres ethnographicos, do que dos povos europeus, com os quaes de resto apresentam tantos pontos de contacto. Se pelo facto de viverem em regiões vizinhas e de se terem deixado penetrar pelas suas respectivas civilisações devem ser considerados como da mesma raça japoneza e chineza, então temos de admittir tambem como pertencentes ao mesmo grupo ethnico hespanhoes e bascos, que ao lado uns dos outros demoram na peninsula, envolvidos por commum civilisação. E decerto ninguem sustentará tal absurdo.

Mas ainda que os japonezes e os chinezes pertencessem á mesma raça, jamais os primeiros commetteriam o erro de transformar a China na formidavel potencia militar (caso ella tivesse para isso capacidade) de que se arreceiam os prophetas do «perigo amarello». E comprede-se bem porque. Nunca o Japão com os seus 50 milhões de habitantes poderia dominar o colosso chinês com uma população de 500 milhões, quando esta população fosse militarizada á japoneza. Não só não o poderia dominar, mas seria pelo contrario por elle dominado. Ora é licito suppôr que os japonezes, que se lançaram n'uma lucta de morte contra os russos para os afastar do caminho, fossem tão imprevidentes para irem armar contra si um adversario bem mais perigoso, que o que elles hoje combatem? Decerto que não.

Que o Japão queira dominar na China, que pretenda explorar a commercial e mesmo politicamente com exclusão das nações europeias e da America, comprehende-se porque está na logica da sua actual situação. Mas que se prepare para converter as centenas de milhões de chinezes n'uma grande potencia militar, é absurdo sequer pensal-o, porisso que os seus mais vitaes interesses a isso se oppõem. Os proprios escriptores russos começam a apreciar devidamente a phantastica invenção do Kaiser. Assim para não falar na importante revista de S. Petersburgo, que é uma das quatro grandes revistas do imperio: o *Mir Bojii* (o mundo de Deus), em cujas columnas se combate a theoria do chamado «perigo amarello», citaremos para terminar, o periodo final de um importante trabalho, que nos numeros de abril e maio d'este anno o sr. L. Slonimskii publicou na mais considerada revista russa o *Viestnik Evropy* (o Mensageiro da Europa) e que consagrou ao exame do «perigo amarello»: «Incomparavelmente mais serio do que o perigo amarello, é esse outro perigo constituído pelos «pelos erros e pelas enfermidades da Europa»

A declaração não póde ser mais insuspeita, partindo d'onde parte...

CONSIGLIER PEDROSO.

A primeira peregrinação ao Sameiro

25 de junho de 1871

Ha trinta e tres annos que se deu em Portugal a primeira manifestação do movimento catholico em fórma de peregrinação collectiva, numerosa, e animada do melhor espirito. Já essa primeira peregrinação foi de sessenta mil almas, e tão nacional, quanto o permittiam então as difficuldades de transporte e os poucos meios de propaganda ou divulgação, pois a imprensa catholica era muito diminuta e a outra porfiou em abafar essa manifestação com uma tenaz conspiração de silencio. Ainda n'esse tempo os jornaes de grande circulação não tinham larga *reportage*, nem exploravam como hoje a informação do movimento catholico.

Dos ecclesiasticos que mais activamente promoveram a primeira peregrinação á Virgem do Sameiro vive ainda o muito respeitavel sr. Padre Manuel Martins de Aguiar, um dos fundadores d'aquelle monumento, e hoje mesmo, como sempre, incansavel trabalhador entre os novos zeladores do culto da nossa Padroeira, veterano laureado e sempre combatente d'esta piedosa legião.

Dos fallecidos só nomearemos aqui o Padre Martinho Antonio Pereira da Silva, que teve a primeira inspiração de levantar sobre o Sameiro uma memoria da definição dogmatica, e o Padre Carlos Rademaker, da Companhia de Jesus, ambos tão fervorosos devotos de Maria e ambos tão vivos ainda na saudosa tradição das suas virtudes.

Assistiu á peregrinação de 1871 o Nuncio de Sua Santidade na corte de Lisboa, Monsenhor Oreglia de Santo Stefano, hoje Cardeal Decano da Santa Igreja.

Prégo no alto da montanha o eloquente Rademaker, e depois compoz sobre a peregrinação e o principal motivo d'ella uma novella interessantissima, que publicou na revista braçarense «A Estrella d'Alva» e depois n'um pequeno volume, com o seguinte titulo:

Pio IX Papa e Rei — ou episodios d'uma peregrinação ao Sameiro.

D'esta preciosa narrativa de costumes populares vamos recoller alguns curtos trechos que darão alguma noticia de como se iniciaram em 1871 as demonstrações da fé catholica dos portuguezes em forna de peregrinação, e ao mesmo tempo farão saborear os nossos leitores o es-

tylo espontaneamente bello e aprazivel de Rademaker no genero em que é menos conhecido.

«Era ao romper do dia 25 de junho de 1871 quando Chiea, a boa camponesa de que temos falado, já estava ajoelhada na egreja do Bom Jesus do Monte, com seu pae, com sua mãe, e com muito outro povo que antes d'elles e com elles tinham vindo, parte em carros, parte a cavallo, a grande maioria a pé, de todos esses montes do nascente. Era povo de Amarante e de seus suburbios, da Lixa, de Varziella, de Guimarães, das Taipas, que pela estrada da Falperra para encurtar caminho subiam ao serro e desciam ao santuario.

Pelo outro lado a concorrência não era somenos. Desde a meia noite os carros não cessavam de levar gente ao Bom Jesus, e o povo de pé ia enchendo a estrada. Era gente dos arredores de Braga, de Prado, do Pico de Regalados, da Barca, dos Arcos, de Ponte de Lima, de Santiago da Cruz, de Encourados, sem contar os que de mais longe affluíam e esperavam em Braga pela sahida da procição, que pelas tres horas da madrugada devia pôr se a caminho.

Grande dia foi aquelle para a Companhia Viação Portuense, para os empresarios de locomoção... Não ficou diligencia; sege, carruagem traquitana, coche, carrinho, carroça, caleche, americana, canastra, ou traipoa de qualquer fórma e nomenclatura, que não tive-se que fazer n'esse dia; como tambem não ficou cavallo, egua, *horsa*, capão, garrano, fúca, nem jumentinha por mais humilde que a queiraes imaginar, que não topasse freguez a querer alugar-a e por bom dinheiro.

Do Porto, de Vianna, de Barcellos, da Povoa, de Villa do Conde, de Famalicao, havia trens fretados para Braga; e um magro assento de almofada, ao relento da noite, pagava-se á larga.

«Tinha Chiea tido o cuidado de se conservar em jejum natural desde a meia noite, para n'esse dia commungar por intenção do soberano Pontifice. E não foi ella só. As commuhões que em Braga que n'esse dia se fizeram orçaram por quatro mil! Digam, se quizerem, os livres pensadores, que isto de catholicismo em Portugal é coisa que passa de moda»...

«... encaminhando-se ao monumento da Virgem Immaculada que se ergue sobre a grimpá do Sameiro, cantavam raparigas um canticão em estylo popular, bem conhecido hoje em quasi todo o Portugal.

Jesus, amante das almas,
Pelo vosso coração,
Fazei que alcancemos todos
Fructo d'esta procição.

Ao Padre Santo de Roma
Dae auxilio e protecção;
Converti seus inimigos,
O' Virgem da Conceição.

«Eram tres horas da madrugada do dia 25 de junho de 1871, quando a immensa turba dos romeiros começava a abalar-se do Campo de Sant'Anna, em Braga, onde se tinha ajustado, para encaminhar-se á sagrada montanha, alvo da sua peregrinação. Era um borborinho, um examear confuso de homens, mulheres, velhos, creanças, paisanos, clérigos, de todas as classes... Enquanto o grosso da gente avançava pela rua do Souto acima, em grandes magotes, tudo parava em frente dos Congregados, esperando o signal de partida.

Uma singela cruz de madeira foi arvorada por um clérigo. Entou-se o canto das preces com a ladainha dos Santos, á qual a multidão ia devotamente respondendo.

A medida que a procição ia lentamente progredindo, ia-se-lhe juntando mais povo que descia do lado de Gadalupe, e se tinha ido agglomerando na Senhora a Branca e em S. Victor, mas, quando chegou a comitiva á esplanada do santuario do Bom Jesus do Monte, a multidão compacta que lá estava esperando, unida á nova multidão que sobrevinha, formava um concurso espantoso e imponente.

Não se deve julgar que o povo estivesse já alli todo. Desde esse ponto até ao monumento do Sameiro continuava um cordão interminavel de fieis que tinham tomado a deanteira á procição e se iam juntar a uma terceira multidão, que ás seis horas da manhã já subia a muitos milhares de pessoas, que se tinham agrupado em volta da estatua da Senhora e ao redor do pulpito arriado na encosta meridional da montanha.

Os primeiros raios d'um lindo sol de junho loireavam as cristas d'aquelles outeiros, uma brisa fresca fazia vergar as doiradas cabeças das giesteiras, e o rosmarinho parecia derramar áquellas horas mais balsamico o seu perfume.

Eram sete horas da manhã quando appareceu á vista a cruz da procição, seguida do clero, no qual se notavam sacerdotes não só da cidade de Braga, mas dos pontos mais remotos dos bispados do Porto, de Aveiro, de Lamego, e até de Lisboa. Perto de sessenta mil pessoas se achavam apinhadas em volta do monumento e do pulpito. As suas vozes, ao unisono, cantavam:

«Christe, audi nos. — Christe, exaudi nos. — Ut Ecclesiam tuam sanctam regere et conservare digueris — te rogamus, audi nos (Christo: ouvi-nos. — Christo, escuta-nos. — Para que Vós conserveis á vossa Igreja o direito de se reger livre e independente: — Nós vos rogamos ouvi-nos).

«E no momento em que essas vozes se calaram soou outra no pulpito de dizia:

«Clamaram os justos, e o Senhor os ouviu, e libertou-os de toda a tribulação.»

Não me convém a mim, que por convite da piedosa Commissão Catholica de Braga fui orador n'essa occasião, repetir aqui o que disse n'aquelle sermão, o qual, além de tudo por cuidados da mesma Commissão, anda impresso.

Jogos na Tapada da Ajuda



O tiro aos pombos



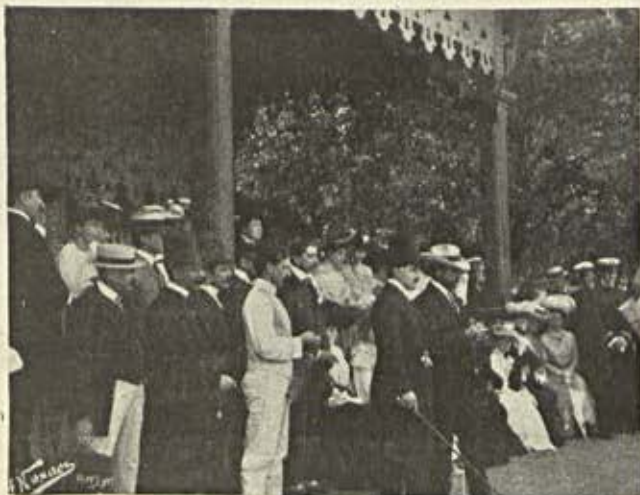
Um grupo de espectadoras



Um assalto de florete entre um official americano e o sr. João Bregaro



El-rei jogando o lawn-tennis



Outro grupo de espectadores



Dois marinheiros americanos jogando o socco



Na Tapada da Ajuda — Outro grupo de senhoras

Monumento a Pinheiro Chagas

O *Brasil-Portugal* associa-se com entusiasmo á ideia da *Mala da Europa*, que, nas suas columnas, abriu uma subscrição publica, no Brasil e em Portugal, para com o seu producto se erigir um monumento ao illustre escriptor Pinheiro Chagas.

A Empreza d'esta Revista appella para todos os portuguezes no Brasil, e para todos os brasileiros admiradores do glorioso homem de letras, que desejem concorrer para esta justissima consagração.

Quaesquer quantias podem ser entregues aos correspondentes e agentes do *Brasil-Portugal*, do Amazonas ao Rio Grande do Sul, acompanhadas de uma nota que mencione nomes e residencias para serem publicados opportunamente.

Fica aberta a subscrição.

Brasil-Portugal 20\$000 réis

(Todas as quantias enviadas pelos nossos correspondentes serão entregues á redacção da « Mala da Europa. »)



Nosso Senhor Jesus Christo

Entardecia. Como o brilho do sol desaparecera, uma iluminação igual ameigava a paisagem. Os ultimos soutos de castanheiros transmontanos, pareciam nodos de relva nas encostas dos montes. A escuridade caia lentamente sobre os povoados, como um tenue orvalho. A phisionomia das terras, em especial dos arvoredos, principiava a ser minhota. A carruagem, havia mais d'uma hora, que rodava por uma estrada em declive. Disse-me o cocheiro, que algumas casas e uma igreja, que se viam agglomeradas no valle, na margem direita do Tamega, formavam a povoação de Ribeira de Pena. Montanhas severas e apocalypticamente emolduravam este boeadinho de campo, no qual eu principiava a reconhecer a minha paisagem querida.

Vinha só e sentia-me triste sem motivo. O continuado e monotono barulho da carruagem, o assobio dolente e vago do cocheiro, a amorte-

cedora luz do crepusculo infiltrando-se por entre as penedias, das encostas, ou renques d'arvores do valle tinham-me lançado n'um estado de inconsciente melancolia. Já cansado da jornada, ainda me faltavam muitas horas para chegar ao Arco, logar onde ficaria essa noite. N'um estado intermedio ao somno e á vigilia, as ideias perpassavam-me no cerebro, umas vezes, como nuvens transparentes e macias recordando momentos d'agradavel convivencia; outras vezes, encastelladas e escuras, como são as ideias proprias d'aquelles que vão perdendo o contente palpitar da mocidade!... Oh! minha encantadora e modesta infancia, eu que sou um dos homens que mais tem rido, dize-me tu se já algum dia fui alegre, despreocupadamente alegre!...

A' ponta da noite, no momento em que á luz indecisa, os objectos tem adquirido um esfumado que os avoluma, a carruagem parou junto d'uma taberna para se desaguarem os cavallos. Os meus nervos foram chamados á realidade, com certa preceição. N'um banco de pedra, d'esses toscos e muito usuaes que se encontram á beira das habitações dos camponeses minhotos, estava sentado um velhinho magro, tendo ao lado um saquito enfiado n'um páu e uma pequena almotolia d'azeite presa á cintura por uma correia. O seu rosto sumido era gracioso e terno como o d'uma creança; o sorriso natural, que lhe resaltava da expressão, parecia sair d'um berço.

Havia o que quer que fosse de inconsciente e ethereo, de amavel e bondoso, no rosto d'esse pobresinho. Ali ninguém o conhecia; mas elle olhava para todos com uma attenção familiar e intima. Um porco atrevido roçava-se-lhe pelas calças, roncava-lhe junto á cara e elle afastava-o com humildade e carinho, dizendo-lhe até palavras de conselho. Parecia que os seus nervos delicados se incommodavam com aquelle grunhir insolente; mas nem por isso se mostrava menos attencioso, para com o bruto. Falava a todos tão suave e brandamente que a sua voz semelhava um murmuro e uma consolação á cabeceira d'um enfermo. O seu olhar, d'uma tranquillidade de justo, prolongava-se pelo espaço infinito, quando olhava para o ceu. Os cabellos brancos, enquadrando-lhe o rosto pacifico, eram limpos, finos e fluctuantes como frocos de nuvem, tinham a transparencia do nimbo dos santos. Tocou-me aquella bondade, aquelle ar compadecido e altivo. Pareceu-me um pedinte e olhei-o com attenção antes de o interrogar. Elle sorria-se para mim, com a expressão d'uma pessoa que conversa junto d'uma lareira aldeã, quando a fogueira crepita e o vento uiva victoriosamente sobre o telhado. Sentia-me atraído para elle e então perguntei-lhe mesmo de dentro da carruagem:

— Vossemecê vem de longe?

Parecera-me que sim. Os pés tinha-os doridos talvez d'uma longa caminhada. Estava ali a descansar. A dona da taberna disse que o não conhecia e que não era das redondezas. O velhito, como eu lhe falei, levantou-se sorrindo e aproximou-se. E n'um tom de mysterio, para que mais ninguém o ouvisse, sagredou-me:

— Se venho de longe!? De muito longe. Nem eu mesmo o sei.

Pareceu-me um sofrimento resignado e tive piedade. Não sabia d'onde vinha, estava alquebrado pelo cansaço e não encarecia as suas dores para me pedir esmola. Conheci-lhe pela expressão dolorida do semblante, quando pôz os pés no chão para me vir falar, que andára muitas leguas a pé. Talvez fosse para ir ver uma filha enferma... para exprimir algum grande affecto que lhe restasse no coração. Tantas terras percorrera, que até a sua memoria enfraquecida pela idade não retivera os nomes. Ter-se-ia perdido pelo caminho?...

Então insisti com modos de incredulo:

— Essa é boa! Então não sabe d'onde vem?

Olhou-me com ar sereno e firmé como de quem tinha dito uma coisa perfeitamente exacta.

— Não senhor. Ninguém sabe!... — segredou-me com extrema reserva

E acrescentou sorrindo intelligentemente:

— A mim ninguém me conhece; mas eu conheço todo o mundo. Bem sei quem o senhor é... E' o senhor conde. Ah! cuidava que não sabia?...

No rosto do pobresito appareceu uma aurora de triumpho. Para lh'a sustentar perguntei muito baixo:

— Mas como adivinhou? Quem foi que lh'o disse?

A enormidade do seu poder reconheci-a no desdem superior com que me olhou. Continha lá dentro infinitos thesouros de sabedoria e perspicacia, á qual não resistiam os insondaveis mysterios do amplo eó. Quem era eu, um misero conde, diante d'aquella omnipotencia que considerava o globo terraqueo como uma insignificante bolinha de pão?! Na minha tristeza e confusão devia-se reconhecer que o comprehendí; pois que o velhinho, para me consolar acrescentou:

— Eu sei tudo, adivinho tudo. Se não digo d'onde venho é porque ando por todo o mundo. Agora ahí vou eu para Hespanha ver se compoñho aqui-lo e se acabo com todas essas questões que por lá ha. Levo aqui — designou o saquito — os papeis e livros necessarios para lhes dar a luz a todos.

Entristeceu-me ver tamanho valor e convicção reunidos n'um corpo assim fragil. Pedi-lhe com interesse e bons modos que me deixasse examinar os seus thesouros. Aceedeu da melhor vontade abrindo o primeiro sacco d'estopa, dentro do qual estava outro de panno preto, contendo ainda um de chita de ramagem. O cocheiro e a dona da taberna aproximaram-se ironicamente para disfrutarem o velho; mas elle, com um verdadeiro olhar altivo e nobre, afastou-os significando, que taes segredos não eram para espiritos grosseiros e motejadores. A meu pedido os indiscretos retiraram-se e por fim o pobresito mostrou-me envolvidos em farrapos e bem ligados com cordeis e fitas de côres, tres alfarrabios antigos em lingua hespanhola e algumas folhas manuscritas, d'uma letra amarella e inintelligivel. Pelo meio havia folhas secas de castanheiro, alguma flores mirradas e pequeninos ramos de alecrim. Examinei com esculpulosa attenção estas preciosidades, encarecendo-lh'as. Elle seguia todos os meus gestos e movimentos faciaes com olhar sagaz e aspecto orgulhoso. Quando lhe entreguei as suas preciosas reliquias disse:

— Já o senhor conde vê que não é ninguém ao pé de mim.

— Oh! decerto! ...
 E depois que elle já tinha guardado os seus livros e papeis inestimáveis perguntei-lhe:
 — Mas como vem de muito longe deve trazer fome. Quer que lhe dê alguma coisa?
 Sem altivez respondeu:
 — E' da lei aceitar sempre a esmola. Fome não tenho. Ando por aqui ha um ror de seculos e nunca senti fome.
 E com um sorriso delicioso, como quem faz uma revelação:
 — Isso é para voeés, que são d'este mundo. Para mim não, que não sou de cá.
 — Ah! vossemecê não é de cá?
 — Eu sim! ...
 E sorria se da minha estupidez, da minha falta de comprehensão, abrangendo n'um infinito olhar toda a amplitude da terra ao eó! Habitava essas regiões ideaes e intermináveis do azul, suspenso na serena ondulação do ar, e bafejado da poeira brilhante da luz. A expressão humilde e conformada do seu rosto, a grandeza e compaixão que lhe resultavam da voz fresca e singella, o seu triunphante sorriso cheio de tranquillidade... davam idéa de que este velhinho resumia em si um ideal sublime. Quem pensará elle representar n'este mundo? — perguntei a mim mesmo. Talvez algum santo milagroso, algum lobishomem das lendas, algum bruxo afamado entre o povo!... A convicção da sua

immaterialidade e do seu immenso poder reconhecia-se que a tinha, pelo tom desdenhoso e superior com que se referia a tudo que o cercava. D'elle só veriam sair protecção e bondade: — os beneficios que um acto rudimentar do seu querer podia espalhar sobre a terra eram incalculáveis. Um simples designio da sua vontade tornaria os homens eternamente felizes ou desgraçados. Não comia, não se cansava, não havia ponto na terra d'onde fivesse partido ou que devesse occupar... — o mundo, o ceu, os espaços inconcebíveis eram a sua ubiqüidade. Nem a dôr, nem o contingente o tocava. A misera fraqueza humana não a sentia; a contingencia do globo merecia-lhe um pensamento compadecido. Sereno e grande vivia no seu reino especial!...

Quem seria o ente imaginario que este velho magro, de rosto sumido, alegre, bondoso, expressão de soberba e de compadecido, julgava representar? Perguntei-lh'o com a premeditada cautela que elle empregava nas suas palavras:

— Então quem é vossemecê?

— Pois ainda não adivinhou?! Nosso Senhor Jesus Christo.

E depois de me olhar com tremenda piedade acrescentou:

— Ando aqui para os salvar a todos!

Dei-lhe uma esmola e o pobresito retirou se serenamente, recomendo-me:

— Agora caluda, por causa d'esta gente.

BENTO MORENO.

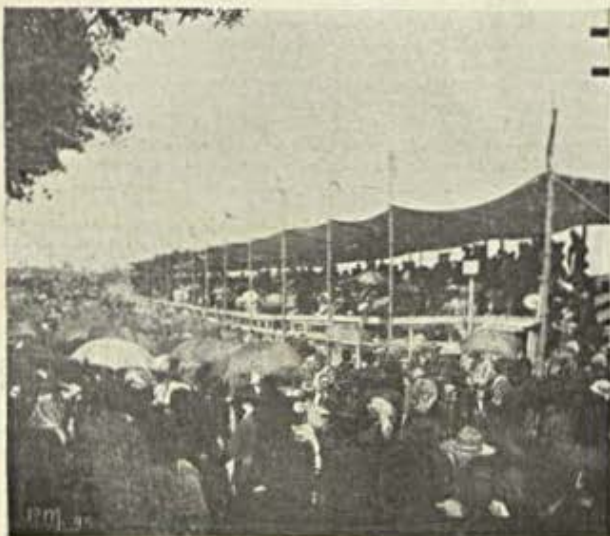
As festas da Immaculada Conceição, em Braga



A rua de D. Pedro V — O cortejo da peregrinação



O saimento para a coroação — Os bispos



Tribuna geral para assistir ao desfile



Aspecto do cortejo — Os Prelados do Reino



Outro aspecto do cortejo

Monsenhor Macchi, Nuncio de S. S.
Arcebispo de Braga



Outro aspecto do cortejo — Os peregrinos



O cortejo — Oferendas à Immaculada Conceição



Ornamentação do Campo de Sant'Anna



No Alto do Sameiro

Clichs de Aurelio da Paz dos Reis, Porto.



A procissão depois da coroação

PORTUGAL



Cliché de Raphael Naves

NA COVILHÃ — *Quinta do Prado*